



Movimento

ISSN: 0104-754X

stigger@adufrgs.ufrgs.br

Escola de Educação Física

Brasil

Cardoso, Fernando Luiz; Aparecida Silveira, Rozana; Almeida Zequinão, Marcela; Martins, Caroline; Souza, Cícero Augusto

Autopercepção corporal e preferências motoras de praticantes de dança

Movimento, vol. 16, núm. 1, enero-marzo, 2010, pp. 97-112

Escola de Educação Física

Rio Grande do Sul, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=115312527006>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Autopercepção corporal e preferências motoras de praticantes de dança

*Fernando Luiz Cardoso**

*Rozana Aparecida Silveira***

*Marcela Almeida Zequinão****

*Caroline Martins*****

*Cícero Augusto Souza******

Resumo: Homens e mulheres foram estudados em relação à corporeidade e à orientação motora na dança. O objetivo foi analisar a percepção corporal e preferências motoras entre praticantes. Utilizou-se o Questionário de Identidade Corporal, com praticantes de hip-hop, clássico, contemporâneo, dança de salão, axé, jazz e dança do ventre. Verificou-se que os homens tocam e conhecem mais seus corpos do que as mulheres, levando-os a uma visão funcional e as mulheres, a uma visão estética. Eles preferem atividades competitivas e agressivas e elas, atividades individualizadas. Percebe-se que os tradicionais papéis sexuais também são impactantes na identidade de gênero dos praticantes de dança.

Palavras-chave: Percepção. Comportamento. Sexualidade. Identidade de gênero. Dança.

1 INTRODUÇÃO

Na Educação Física, muitos têm sido os estudos voltados para autopercepção corporal, no que diz respeito a autoconceito, autoestima e autoimagem (CARDOSO, 2009; BOWKER; GADBOIS; CORNOCK, 2003; STEWART *et al.*, 2003; TIGGEMANN; WILLIAMSON, 2000). Entende-se por autoconceito a percepção do indivíduo sobre ele

* Professor Doutor em Sexualidade Humana do CEFID/UDESC. Florianópolis, SC, Brasil. E-mail: d2flc@hermes.udesc.br

** Educadora Física, Especialista em dança e Mestranda do curso de Pós-graduação em Ciência do Movimento Humano CEFID/UDESC. Florianópolis, SC, Brasil. E-mail: rozanasilveira@hotmail.com

*** Acadêmica do Curso de Educação Física – CEFID/UDESC. Florianópolis, SC, Brasil. E-mail: celaa_@hotmail.com

**** Fisioterapeuta e Mestranda do curso de Pós-graduação em Ciência do Movimento Humano CEFID/UDESC. Florianópolis, SC, Brasil. E-mail: zinha21@gmail.com

***** Educador Físico, Fisiologista e Mestrando do curso de Pós-graduação em Ciência do Movimento Humano CEFID/UDESC. Florianópolis, SC, Brasil. E-mail: ciceroaugustos@bol.com.br

mesmo, sem emitir qualquer julgamento pessoal ou de comparação aos outros. Em contrapartida, autoestima é o valor atribuído às suas características peculiares, atributos e limitações (GALLAHUE; OZMUN, 2005). Por fim, outro importante conceito, a autoimagem, representa o nível de percepções gerais, pensamentos e comportamentos que os indivíduos têm sobre seus corpos (GILLEN; LEFKOWITZ; SHEARER, 2006).

Sabe-se que ter uma visão positiva do seu corpo ou estar satisfeito com a sua autoimagem, entre outros fatores relacionados à satisfação corporal, auxiliam o indivíduo em diversos aspectos da sua vida, seja no convívio com os amigos, seja com o parceiro e até mesmo no relacionamento consigo mesmo. (KOFF; BAUMAN, 1997; KOFF; RIERDAN; STUBBS, 1990; TUKCER, 1985).

Entretanto, quando falamos em motricidade humana, os trabalhos de referência em nossa área estão mais voltados para resultados de testes motores, relacionados ao desenvolvimento infantil (BATISTELLA, 2001; RODRIGUES, 2000; GAYA, 1997). Em relação às preferências motoras ou orientação motora a partir de marcadores biológicos e sociais, pouco foi estudado (CARDOSO, 2008, CARDOSO; FELIPE; HEDEGAARD, 2005; CARDOSO, 2005). O que deixa uma grande lacuna nos estudos referentes à corporeidade, à motricidade e à esportividade na Educação Física.

Por esses fatores, este artigo tem como objetivo analisar, através da autoavaliação, a percepção corporal e as preferências motoras entre homens e mulheres praticantes de diversos estilos de dança. O interesse por esse público deu-se principalmente por concentrar dentre os praticantes uma grande diversidade de gênero e a existência de muitos tabus em relação aos mesmos, bem como a pouca produção científica quantitativa e explicativa sobre corporeidade e orientação motora no meio da dança (STINSON, 1998; LEITÃO; SOUSA, 1995, CARDOSO, 2008).

2 DECISÕES METODOLÓGICAS

Esta pesquisa utilizou a autoavaliação através do Questionário de Identidade Corporal, constituído das dimensões sexualidade, corporeidade

Movimento, Porto Alegre, v. 16, n. 01, p. 97-112, janeiro/março de 2010.

e motricidade, além dos itens: aspectos gerais e questões sociais. No início do questionário são pedidos os aspectos gerais do pesquisado e questões sociais. O questionário é composto por nove escalas: intimidade corporal, percepção corporal, satisfação corporal, identidade infantil, pré-disposição sexual, comportamento sexual, orientação sexual, satisfação sexual, experiência motora e orientação motora. Entretanto, as escalas de sexualidade foram deixadas para estudos posteriores. Cada escala é medida através de uma Escala Likert de seis níveis (nunca – pouco – médio – muito, quantificados da seguinte forma: 0 – 1 – 2 – 3 – 4 – 5 – 6).

Os participantes da pesquisa foram bailarinos, maiores de 16 anos de idade, dos estilos de dança: hip-hop, clássico, contemporâneo, dança de salão e axé, para os homens, e para as mulheres inclui-se também o jazz e a dança do ventre, totalizando 336 participantes. A coleta não probabilística de dados utilizou-se das técnicas *snow ball* e *focus groups* entre os praticantes dos diversos estilos de dança de ambos os sexos. Para melhor caracterizar os participantes utilizou-se a Tabela 1.

Parâmetros	Homens (N=157)		Mulheres (N=145)		<i>t test</i>	<i>p</i>
	<i>X</i>	<i>sd</i>	<i>X</i>	<i>sd</i>		
Altura	1.76	.07	1.64	.06	15.60	.001
Idade	24.84	9.09	25.31	8.23	-.47	n.s
Peso	72.01	9.87	56.47	7.65	15.82	.001
IMC	23.25	2.72	20.93	2.44	7.90	.001
Idade da primeira relação sexual	15.90	3.16	17.21	2.33	-4.05	.001
Gênero	1.14	1.21	5.30	.94	-34.87	.001
Orientação sexual	1.24	1.96	.46	.95	4.90	.001
Bens de consumo	3.97	1.46	4.56	1.16	-4.01	.001
Grau de escolaridade	4.38	1.04	4.88	.97	-4.42	.001
Parâmetros	Homens (N=157)		Mulheres (N=145)		<i>X</i> ²	<i>P</i>
	<i>N</i>	<i>n</i>	<i>%</i>	<i>N</i>	<i>n</i>	<i>%</i>
Casados ou acompanhados	117	50	42.73	218	140	64.22
					21.70 ^a	.001

Tabela 1. Perfil socioantropométrico dos homens e mulheres participantes.

Observações: Sig. (2-tailed) = .05

Para a caracterização dos participantes, fizemos a análise dos aspectos socioantropométricos, através do teste *t* independente e do *Chi-square*, verificando as diferenças entre homens e mulheres. Na continuação da análise, verificamos as diferenças entre homens e mulheres, também através do teste *t* independente, no que tange os aspectos autoestima corporal, identidade infantil e orientação motora.

Movimento, Porto Alegre, v. 16, n. 01, p. 97-112, janeiro/março de 2010.

Por fim, na caracterização dos estilos de dança, utilizou-se a análise de variância Anova de uma mão para comparar os aspectos socioantropométricos, em ambos os sexos.

3 ANÁLISE

Foram encontradas diferenças significativas entre homens e mulheres praticantes de dança em diversos aspectos relacionados ao perfil socioantropométrico. Os resultados nos indicam que os homens participantes formam um grupo mais heterogêneo do que as mulheres pois apresentaram um maior desvio padrão em todas as variáveis significativas.

No fator orientação sexual, percebe-se que apesar das médias de homens e mulheres estarem dentro dos valores considerados heterossexuais pela Escala Likert utilizada, no grupo dos homens o valor está superior ao das mulheres, indicando-nos que na amostra pesquisada existe uma maior diversidade, no que tange a orientação sexual, entre os homens. Contudo, o grupo das mulheres participantes apresentou resultados que permitem concluir que elas possuem maior poder aquisitivo do que os homens, apesar de ambos os grupos apresentarem uma média significativamente alta no que diz respeito ao grau de escolaridade, estando no nível médio completo. Além disso, no aspecto estado civil as mulheres casadas ou acompanhadas apresentaram um percentual superior ao dos homens.

Variáveis	Homens		Mulheres		<i>t test</i>	<i>Sig. (2-tailed)</i>
	média	sd	média	sd		
Conhece a sua genitália	5.08	1.18	4.43	1.40	4.25	.001
Toca a sua genitália	4.55	1.32	3.05	1.57	8.72	.001
Masturba-se	3.54	1.53	1.92	1.61	8.81	.001
Olha o corpo inteiro no espelho	3.78	1.67	4.45	1.45	-3.81	.001
Percebem que os outros o acham sexy	3.07	1.33	3.46	1.24	-2.64	.001
Gostaria de ser mais musculoso(a)	3.16	1.31	2.24	1.52	5.50	.001
Gostaria de ser mais magro(a)	1.72	1.85	2.91	2.17	-4.99	.001
Gosta da sua genitália	4.41	1.45	3.89	1.63	2.86	.001
Gosta do seu cabelo	3.79	1.70	4.49	1.41	-4.03	.001

Tabela 2. Perfil de autoestima corporal dos homens e das mulheres participantes.
Observações: *Sig. (2-tailed)* = .05

Movimento, Porto Alegre, v. 16, n. 01, p. 97-112, janeiro/março de 2010.

Também foram encontradas diferenças significativas entre homens e mulheres praticantes de dança em aspectos relacionados ao perfil de autoestima corporal. Os resultados mostram que os homens tocam e, por isso, conhecem mais seus corpos do que as mulheres. Como a literatura indica, os homens têm uma visão mais funcional e as mulheres, uma visão mais estética dos seus corpos, apesar dos homens declararem que gostariam de ser mais musculosos e as mulheres gostariam de ser mais magras.

As diferenças foram também significativas entre homens e mulheres praticantes de dança nos aspectos relacionados ao perfil de identidade infantil e à orientação motora. Apesar das médias aritméticas não serem muito altas em relação à Escala Likert escolhida, observamos que mesmo entre praticantes de dança, os homens apresentam características na infância e na fase adulta que demonstram uma tendência a preferir atividades mais competitivas e agressivas, em relação às mulheres, sendo que em todas as atividades apresentadas, somente nas atividades de yoga e ginástica as mulheres demonstraram maior preferência em relação aos homens, pois são atividades mais individualizadas, calmas e de menor contato físico.

Variáveis	Homens		Mulheres		<i>t test</i>	<i>Sig.</i> (2-tailed)
	média	sd	média	sd		
Era uma criança tímida	3.38	1.87	2.89	1.72	2.41	.02
Brincava com atividades típicas de meninos	4.67	1.52	3.08	1.51	9.18	.001
Brincava com meninas	3.38	1.47	4.65	1.25	-8.30	.001
Gostava de brincar de luta	3.45	2.19	1.93	1.79	6.80	.001
Gostava de videogame	4.25	2.03	2.40	1.86	8.33	.001
Gostava de brigar fisicamente	1.56	1.72	.84	1.30	4.26	.001
Gostava de brigar verbalmente	2.03	1.76	1.44	1.58	3.12	.001
Gostava de quebrar as regras	2.62	1.86	2.03	1.68	2.95	.001
Queria ser um campeão esportivo	3.57	2.11	3.06	2.22	2.05	.04
Queria ser bailarina(o)	2.17	2.29	4.60	1.80	-10.64	.001
Faz atividades mais complexas	3.03	2.21	2.37	2.14	2.62	.01
Faz atividades físicas individualmente	3.84	1.75	3.41	1.86	2.06	.04
Joga futebol	1.80	2.13	.80	1.33	5.28	.001
Joga basquete	1.06	1.68	.69	1.37	2.13	.03
Pratica artes marciais	1.00	1.71	.60	1.28	2.55	.01
Joga vôlei	1.26	1.76	.80	1.44	1.98	.05
Faz musculação	2.24	2.08	1.76	2.12	3.33	.001
Faz dança de salão	2.95	2.52	2.03	2.31	-2.01	.04
Faz ginástica	1.96	1.86	2.30	2.12	2.40	.02

(continua)

Movimento, Porto Alegre, v. 16, n. 01, p. 97-112, janeiro/março de 2010.

(continuação)

Faz yoga	.57	1.38	.93	1.62	2.23	.03
Gosta de atividades físicas mais complexas	3.11	2.18	2.56	2.10	2.31	.02
Gosta de atividades físicas individuais	3.50	1.66	3.05	1.75	2.34	.02
Gosta de esportes radicais	3.25	2.01	2.71	1.99	2.85	.001
Gosta de esportes de aventura	3.40	2.01	2.74	2.02	5.20	.001
Gosta de jogar futebol	2.45	2.37	1.29	1.66	2.22	.03
Gosta de jogar basquete	1.65	2.03	1.19	1.66	2.09	.04
Gosta de jogar vôlei	2.28	2.17	1.79	1.94	-3.10	.001
Gosta de fazer artes marciais	2.05	2.25	1.28	1.72	2.51	.01
Gosta de fazer capoeira	1.85	2.19	1.29	1.74	2.61	.01
Gosta de fazer musculação	2.78	1.99	2.16	2.06	-4.09	.001
Gosta de fazer ginástica	2.23	1.95	2.94	1.94	3.41	.001
Gosta de fazer yoga	1.26	1.89	2.25	2.20	2.41	.02

Tabela 3. Perfil de identidade infantil e orientação motora
dos homens e mulheres participantes.

Observações: Sig. (2-tailed) = .05

Quando analisamos os resultados entre as praticantes mulheres dos diversos estilos de dança, encontramos diferenças significativas quanto ao perfil socioantropométrico. Um fator relevante em nossa pesquisa é a idade das participantes pois houve uma grande diferença nas médias aritméticas das idades entre os estilos, sendo as praticantes de hip-hop as mais jovens e as de dança do ventre, as mais velhas. Ambos os grupos foram os que apresentaram maiores diferenças em todos os aspectos como, por exemplo, a idade do início da vida sexual, sendo as praticantes de hip-hop as que iniciaram mais cedo e as praticantes de dança do ventre as que iniciaram mais tarde. Em contrapartida, nos outros aspectos, as praticantes de dança do ventre se mostraram mais liberais, enquanto as praticantes de hip-hop se mostraram mais conservadoras. Quanto ao poder aquisitivo, as praticantes de dança do ventre foram as que apresentaram uma média superior.

Em relação aos homens, os mais jovens foram os praticantes de hip-hop e os mais velhos os praticantes de dança de salão. Esse quesito tem forte relação com a autopercepção em ser ativo em termos de atividade física pois os praticantes de hip-hop, juntamente com os do clássico, são os que se consideram mais ativos, enquanto os praticantes de dança de salão, os menos ativos. Com relação ao gênero, os praticantes de contemporâneo mostraram-se, através da média aritmética da Escala Likert escolhida, medianos em relação aos praticantes das outras modalidades, que se consideram mais masculinos. Entretanto,

Movimento, Porto Alegre, v. 16, n. 01, p. 97-112, janeiro/março de 2010.

quando falamos de orientação sexual, os praticantes de clássico e contemporâneo apresentaram uma maior tendência à bissexualidade, em relação aos outros estilos que apresentaram uma tendência heterossexual.

Mulheres														<i>F</i> ANOVA	R		
Parâmetros	Hip-hop		Clássico		Jazz		Contemporâneo		Dança de salão		Axé		Dança do ventre				
	N	30	30	30	32	31	31	34	Média	SD	Média	SD	Média	SD			
Idade ¹	19,06 ^a	3,45	24,60 ^a	7,12	25,16 ^a	7,64	27,31 ^a	9,15	25,16 ^a	8,27	23,54 ^a	4,77	31,23 ^a	9,89	7,43	,00	
Peso ²	51,90 ^a	6,56	57,5 ^a	9,00	56,44 ^a	6,49	56,21 ^a	7,53	58,51 ^a	8,91	55,03	6,02	59,02 ^a	6,87	3,08	,00	
IMC ³	19,65 ^a	2,17	21,37 ^a	2,58	21,26 ^a	1,72	20,88	2,28	21,43 ^a	3,30	20,39	1,59	21,37 ^a	2,64	2,24	,04	
Idade da 1 ^a relação sexual ⁴	16,60 ^a	1,53	17,90	3,21	16,92	2,26	16,42	1,95	17,34	1,94	16,53	1,47	18,37 ^a	2,54	3,18	,00	
Como se considera em termos de sexo ⁵	2,56 ^a	1,43	3,33	1,32	3,30	1,20	3,43	1,24	2,96	1,27	3,16	1,20	3,82 ^a	1,26	2,97	,00	
Como se considera em termos religiosos ⁶	3,30 ^a	1,44	3,90	1,68	3,93	1,33	4,37 ^a	1,38	3,46 ^a	1,35	3,67	1,07	4,44 ^a	1,50	2,94	,00	
Bens de consumo ⁷	4,43	,85	4,36	1,21	4,80 ^a	,80	4,06 ^a	1,26	4,67	1,19	4,54	1,50	5,00 ^a	,98	2,33	,03	
Escolaridade ⁸	4,16 ^a	1,23	5,17 ^a	,65	4,96 ^a	,80	4,93 ^a	,87	4,83 ^a	,86	4,77 ^a	,92	5,29 ^a	1,00	4,73	,00	
Homens																	
Parâmetros	Hip-hop		Clássico		Contemporâneo		Dança de salão		Axé		Dança do ventre		<i>F</i> ANOVA	R			
	N	22	16	30	30	20	Média	SD	Média	SD	Média	SD					
Idade	21,22 ^a	3,85	24,06	7,14	24,07	7,97	29,20 ^a	13,63	23,95	4,54	2,89	,02					
IMC	21,76 ^a	2,18	22,64	3,06	22,98	2,20	24,07	2,98	24,55 ^a	2,51	4,11						
Gênero ⁹	,86 ^a	1,48	1,18 ^a	,75	2,00 ^a	1,36	,82 ^a	,84	,55 ^a	,60	6,93						
Orientação sexual ¹⁰	,63 ^a	1,61	2,81 ^a	2,58	2,20 ^a	2,24	,30 ^a	,53	,65 ^a	1,34	8,93						
Quão ativo se considera em termos de atividade física ¹¹	5,18 ^a	1,22	5,35 ^a	,84	4,93	1,16	4,06 ^a	1,25	4,35	1,18	4,95						

Tabela 4. Perfil socioantropométrico das mulheres entre os estilos de dança das participantes.

Observações: Sig. (2-tailed) = .05

4 DISCUSSÃO

O presente estudo evidenciou uma realidade do mundo da dança, onde as mulheres são as praticantes predominantes. Algumas modalidades ainda são menos procuradas ou até mesmo inexistentes para os homens como, por exemplo, o jazz e a dança do ventre. Por esse motivo, justifica-se um menor número de homens, em relação às mulheres, na pesquisa.

Neste caso, a dança diferencia-se dos esportes, que se caracterizam por uma área predominantemente masculina. Os esportes estão intimamente ligados à ideia de masculinidade e virilidade (DANIELS; LEAPER, 2006), enquanto a dança acabou sendo estereotipada como

Movimento, Porto Alegre, v. 16, n. 01, p. 97-112, janeiro/março de 2010.

uma prática feminina (LEITÃO; SOUSA, 1995). Por isso, tanto os homens que dançam quanto as mulheres esportistas acabam sendo julgados por esses estereótipos de gênero. Em contrapartida, percebemos que homens praticantes de dança dessa pesquisa consideram-se masculinos, independente da sua prática.

Em relação à autoestima dos participantes, percebemos que existem diferenças significativas entre homens e mulheres. Sendo os homens mais funcionais ou instrumentais e as mulheres mais estéticas, confirmando estudos anteriores (SMITH, 2004; ADAMS; SARGENT; THOMPSON; RICHTER; CORWIN; ROGAN, 2000; MARTIN, 1996; BIBER, 1989). Essa ideia corrobora os estudos de Kiefer *et al.* (2000), onde encontraram que homens e mulheres veem seus corpos diferentemente, sendo as mulheres mais influenciadas por ideais de magreza do que os homens.

Quando questionamos se o praticante gostaria de ser mais magro, percebemos que essa é uma preocupação maior entre as mulheres. A insatisfação com o corpo e a preocupação com o peso têm sido comportamentos verificados frequentemente, pela literatura, entre as mulheres (VOTRE; VIGNE; LACERDA, 2008; SMITH, 2004; ANDRADE, 2003; ADAMS; *et al.*, 2000; MARTIN, 1996; BIBER, 1989). Esse resultado vai ao encontro do apontado em outros estudos, onde se tem a imagem de um corpo magro como uma constante na rotina da dança, sendo responsável por influenciar negativamente a imagem corporal dos praticantes, principalmente no clássico, que muitas vezes encoraja a magreza além dos limites normais e saudáveis, podendo desencadear transtornos alimentares, comum neste meio (DAMICO, 2007; SIMAS; GUIMARÃES, 2002).

Costa *et. al.* (2007) concorda com essa ideia, acrescentando a percepção dos homens em relação aos seus corpos, que desejam ser mais musculosos, apresentando até mesmo dismorfia muscular, um transtorno que ocorre principalmente entre eles, que apesar de já apresentarem uma grande hipertrofia muscular, consideram-se pequenos e fracos (ASSUNÇÃO, 2002). Mesmo entre os praticantes de dança, os homens anseiam por ser mais musculosos do que as mulheres, conforme foi encontrado também por Hansen e Vaz (2006).

Movimento, Porto Alegre, v. 16, n. 01, p. 97-112, janeiro/março de 2010.

No que tange o tema identidade infantil, as questões de gênero e sua diferenciação vão sendo introduzidas por diversos mecanismos no convívio social. Isso faz com que desde cedo seja feita a demarcação do que cabe aos meninos e às meninas, tanto em questões materiais como subjetivas, contribuindo para a construção da identidade de gênero a partir dos estereótipos de cada sociedade. A preferência das crianças por brincarem com outras do mesmo sexo é uma das importantes formas de construir sua identidade de gênero (SAYÃO, 2002). Essas atitudes reforçam os padrões de normalidade definidos pela sociedade, envolvendo disputa de valores, poder e comportamentos (DAMICO, 2003). Tal fenômeno pode ser observado em nosso estudo, em que os praticantes relataram preferir brincar de atividades típicas de meninos na infância, e as praticantes preferiam brincar com meninas.

Em nossos resultados, encontramos diferenças entre os sexos em relação à orientação motora. Muitas atividades esportivas foram criadas respeitando as diferenças biológicas entre homens e mulheres ou os estereótipos de gênero que seguem a tradição e por isso são percebidas como eminentemente masculinas ou femininas. Apesar dessas barreiras estarem sendo transpostas pelas oportunidades que a sociedade atual permite a ambos os sexos, ainda existem diferenças entre homens e mulheres, em termos de preferências e habilidades nas atividades esportivas ou recreativas (CARDOSO, 2008; DAMICO, 2007).

Quando analisamos as diferenças entre os estilos de dança, um resultado interessante nas mulheres foram as disparidades entre o hip-hop e a dança do ventre, sendo essas as mais conservadoras e as mais liberais (em termos sexuais e religiosos), respectivamente. Estudos mostram que a dança do ventre é uma arte milenar que ajuda na diminuição da complexidade da sexualidade feminina (PETO; BUENO, 1999), bem como auxilia no plano emocional das mulheres, trabalhando sua feminilidade, confiança, entre outros benefícios (NAHID; TAKUSI, 2000). Por isso, ter as praticantes de dança do ventre como as mais liberais não causou tanta surpresa. Em contrapartida, inesperadamente, as praticantes de hip-hop consideraram-se mais conservadoras, apesar de muitos estudos terem colocado o hip-hop como um movimento cultural de transgressão dos paradigmas impostos pela sociedade, que lhes provoca tantas privações, e que propicia maior liberdade aos prati-

Movimento, Porto Alegre, v. 16, n. 01, p. 97-112, janeiro/março de 2010.

cantes (ALVES, 2007; FLEURY, 2007; RECKZIEGEL; STIGGER, 2005; ALVES; DIAS, 2004).

Quanto às diferenças entre os estilos, no que diz respeito aos homens, os pontos que mais se destacaram foram em relação ao gênero e à orientação sexual. Percebeu-se que alguns estilos consideram-se menos ou mais masculinos e que essa variável independe da orientação sexual. Além disso, observou-se que em alguns estilos existe uma maior tendência a ter praticantes bissexuais ou homossexuais do que em outros, assim como nos estudos de Strong, Singh e Randall (2000).

Como esperado, mesmo num ambiente tido como feminino, os homens se consideraram mais masculinos e as mulheres, mais femininas. E quando falamos em orientação sexual, percebemos que entre os dançarinos participantes existem mais homens bissexuais e homossexuais do que mulheres, o que reforça a ideia de que muitos homens com essas orientações se identificam mais com atividades rítmicas e de dança do que outras modalidades esportivas coletivas ou de combate. Entretanto, alguns dados começam a ser produzidos, mostrando que meninas atletas que brincaram com meninos na infância se auto-avaliam como mais masculinas e mais envolvidas com esportes de grupo em geral, apesar de não se considerarem homossexuais (GIULIANO; POPP; KNIGHT, 2000; HARRISON; LYNCH, 2005; KOCA; ASCL; KIRAZCL; 2005).

Na relação com o corpo, os homens apresentaram maior conhecimento do mesmo, essas características podem ser consequências da cultura onde as mulheres não podem tocar-se ou masturbar-se, negligenciando seus corpos e sua sexualidade. Além disso, as mulheres praticantes de dança apontaram que gostariam de ser mais magras.

Entre os estilos de dança, percebemos que cada um possui características próprias, além dos participantes homens e mulheres apresentarem perfis diferentes. As praticantes de hip-hop e de dança do ventre, no que tange o perfil mais conservador ou liberal das mesmas, são fatores que merecem um maior aprofundamento, verificando se a diferença de idade pode ter influência nesses resultados. As diferenças de gênero entre os praticantes de contemporâneo e de outros estilos, bem como a orientação sexual desses juntamente com os de clássico,

Movimento, Porto Alegre, v. 16, n. 01, p. 97-112, janeiro/março de 2010.

são questões abertas para entendermos os motivos da maior preferência de bissexuais e homossexuais por esses estilos de dança.

Apesar de já podermos discutir muitos aspectos dentro desse contexto, os dados nos dão possibilidade de aprofundar algumas questões, que não caberiam nesse artigo, mas que tornam relevantes estudos nessa área. A dança é um componente importantíssimo da Educação Física mas que diversas vezes deixa de ser discutida, impedindo a disseminação de contextos importantes, que acabam ficando na prática ou na informalidade.

Corporal self-perception and motor preferences of dance practitioners

Abstract: This study identifies the differences between sexes related to the corporality and motor orientation, analyzing the corporal perception and the motor preferences between dancers. The Questionnaire of Identity Body was used with practitioners of hip-hop, classic, jazz, contemporary, ballroom dancing, axé and belly dancing. Data show that the males' participants touch and know more their bodies than women, leading them to have a more functional corporal perception and women, a more aesthetic one. Men prefer competitive and aggressive activities, while women prefer individual ones. The traditional sexual roles still have impact on the gender identity of dancers.

Keywords: Perception. Behavior. Sexuality. Gender Identity. Dance.

Percepción corporal y preferencias motoras de profesionales de danza

Resumen: Este estudio muestra las diferencias entre los sexos relacionados con la corporalidad y la orientación, analizados pela percepción corporal y las preferencias motoras entre danzarines. El Cuestionario de la Identidad Corporal fuera utilizado con bailarines de hip-hop, danza clásica, jazz, contemporáneo, danza del pasillo, axé y danza del viento. Los hombres si tacto y saben más de sus cuerpos que las mujeres, tomándole una visión mas funcional mientras las mujeres una visión mas estética. Los hombres prefirieron las actividades competitivas y agresivas y las mujeres las individuales. Los tradicionales funciones sexuales tienen impacto en la identidad de género de los danzarines.

Palabras clave: Percepción. Conducta. Sexualidad. Identidad del género. Baile.

REFERÊNCIAS

ADAMS, Kimberly *et al.* A study of body weight concerns and weight control practices of 4th and 7th Grade adolescents. **Ethnicity & Health**, London, v. 5, n. 1, p. 79-94, fev. 2000.

ALVES, Flávio Soares. A dança break: uma análise dos fatores componentes do esforço no duplo movimento de ver e sentir. **Motriz**, Rio Claro, v. 13, n. 1, p. 24-32, jan./mar. 2007.

Movimento, Porto Alegre, v. 16, n. 01, p. 97-112, janeiro/março de 2010.

- ALVES, Flávio Soares; DIAS, Romualdo. A dança break: corpos e sentidos em movimento no hip-hop. **Motriz**, Rio Claro, v. 10, n. 1, p. 1-8, jan./abr. 2004.
- ANDRADE, Sandra dos Santos. Saúde e beleza do corpo feminino – algumas representações no Brasil do século XX. **Movimento**, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 119-143, jan./abr. 2003.
- ASSUNÇÃO, Sheila Seleri Marques. Dismorfia muscular. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, São Paulo, v. 24, n. 3, p.80-84, dez. 2002.
- BATISTELLA, Pedro A. **Perfil motor de escolares de Cruz Alta-RS**. 2001. 103 f. Dissertação (Mestrado) - UDESC – CEFID. Florianópolis, 2001.
- BIBER, Sharlene Hesse. **Am I thin enough yet?: the cult of thinness and the commercialization of beauty**. Oxford: Oxford University, 1989.
- BLASCOVICH, Jim.; TOMAKA, Joseph. Measures of self-esteem. In: ROBINSON, J. P.; SHAVER, P. R.; WRIGHTSMAN, L. S. (Eds.). **Measures of personality and social psychological attitudes**. San Diego, CA: Academic, 1991. v. 1.
- BOWKER, Anne; GADBOIS, Shannon; CORNOCK, Becki. Sports participation and self-esteem: variations as a function of gender and gender role orientation. **Sex Roles**, Pittsburgh, v. 49, n. 1-2, p. 47-58, jul. 2003.
- CARDOSO, Fernando Luiz. Noções de corporeidade: de quem para quem? **Motrivivência**, Florianópolis, v. 5, n. 5-7, p. 170-177, 1994.
- CARDOSO, Fernando Luiz. O conceito de orientação sexual na encruzilhada entre sexo, gênero e motricidade. **Interamerican Journal of Psychology**, Porto Alegre, v. 42, n. 2, p. 69-79, maio/jun., 2008.
- CARDOSO, Fernando Luiz. O gênero e o movimento humano. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Santa Maria, v. 15, n. 3, p. 265-268, jan. 1994.
- CARDOSO, Fernando Luiz. Inversões do papel de gênero: drag queens, travestismo e transexualismo: gender identity inversion: drag queens, transvestism and transexualism. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 18, n. 3, p. 421-430, 2005.
- CARDOSO, Fernando Luiz. Similar faces of same-sex sexual behavior: a comparative ethnographical study in Brazil, Turkey, and Thailand. **Journal of Homosexuality**, San Francisco, v. 56, n. 4, p. 457-484, maio. 2009.
- CARDOSO, Fernando Luiz; FELIPE, M. L.; HEDEGAARD, C. Gender divergence in physical education classes. **Psicología: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 21, n. 3, p. 349-357, set/dez. 2005.
- COSTA, Sarah Passos Vieira da et al. Distúrbios da imagem corporal e transtornos alimentares em atletas e praticantes de atividade física. **Lecturas, Educación Física y Deportes, Revista Digital**, Buenos Aires, v. 12, n. 114, nov. 2007. Disponível em: <http://www.efdeportes.com> Acesso em: 01 jan. 2008.

Movimento, Porto Alegre, v. 16, n. 01, p. 97-112, janeiro/março de 2010.

DAMICO, José Geraldo Soares. Corpo a corpo com as jovens: grupos focais e análise de discurso na pesquisa em Educação Física. **Movimento**, Porto Alegre, v. 12, n. 2, p.35-67, maio/ago. 2006.

_____. O cuidado com o corpo como estratégia de sujeitos generificados. **Movimento**, Porto Alegre, v. 13, n. 1, p. 93-117, jan./abr. 2007.

DANIELS, Elizabeth.; LEAPER, Campbell. A longitudinal investigation of sport participation, peer acceptance, and self-esteem among adolescent girls and boys. **Sex Roles**, Pittsburgh, v. 55, n. 11-12, p. 875-880, dec. 2006.

FRÖMEL, Karel.; FORMÁNKOVÁ, Soáa; SALLIS, James. Physical activity and sport preferences of 10 to 14-year-old children: a 5-year prospective study. **Gymnica**, Palacki (República Checa), v. 32, n. 1, p. 11-16, fev. 2002.

GALLAHUE, David.; OZMUN, John. **Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos**. 3. ed. São Paulo: Phorte, 2005.

GAYA, Adroaldo et al. Crescimento e desempenho motor em escolares de 7 a 15 anos provenientes de famílias de baixa renda. **Movimento**, Porto Alegre, v. 4, n. 6, p. 35-42, jul. 1997.

GILLEN, Meghan M.; LEFKOWITZ, Eva S.; SHEARER, Cindy L. Does body image play a role in risky sexual behavior and attitudes? **Journal of Youth and Adolescence**, Indianapolis, v. 35, n. 2, p. 230-242, abr. 2006.

GIULIANO, Traci A.; POPP, Kathryn E.; KNIGHT, Jennifer L. Footballs versus barbies: childhood play activities as predictors of sport participation by women. **Sex Roles**, Pittsburgh, v. 42, n. 3-4, p. 159-181, oct. 2000.

HANSEN, Roger.; VAZ, Alexandre Fernandez. "Sarados" e "gostosas" entre alguns outros: aspectos da educação dos corpos masculinos e femininos em academias de ginástica e musculação. **Movimento**, Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 133-152, jan./abr. 2006.

HARRISON, Lisa A.; LYNCH, Amanda B. Social role theory and the perceived gender role orientation of athletes. **Sex Roles**, Pittsburgh, v. 52, n. 3/4, p. 227-236, fev. 2005.

HARTER, Susan. Causes and consequences of low self-esteem in children and adolescents. In: BAUMEISTER, R. F. (Ed.). **Self-esteem: the puzzle of low self-regard**. New York: Plenum, 1993.

KIEFER, Ingrid et al. Body weight: the male and female perception. In: **SOZIAL Präventivmed**. Basel: Birkhäuser, 2000.

KOCA, Canan; ASÇL, F. Hulya.; KIRAZCL, Sadettin. Gender role orientation of athletes and nonathletes in a patriarchal society: a study in Turkey. **Sex Roles**, Pittsburgh, v. 52, n. 3-4, p. 217-225, fev. 2005.

KOFF, Elissa.; BAUMAN, Connie. L. Effects of wellness, fitness, and sport skills programs on body image and lifestyle behaviors. **Perceptual Motor Skills**. Missoula, 1997.

Movimento, Porto Alegre, v. 16, n. 01, p. 97-112, janeiro/março de 2010.

- KOFF, Elissa; RIERDAN, Jill; STUBBS, Margaret L. Gender, body image, and self-concept in early adolescence. *The Journal of Early Adolescence*, Tucson, v. 10, n.1, p. 93-111, fev. 1990.
- LEITÃO, Fatima. C. do Valle; SOUSA, Iracema Soares de. O homem que dança. *Motrivivência*, Florianópolis, v. 7, n. 8, p. 7-10, dez. 1995.
- MARTIN, Karin A. **Puberty, sexuality, and the self: girls and boys at adolescence.** New York: Routledge, 1996.
- NAHID, Michele; TAKUSI Simone. Os benefícios que a dança do ventre proporciona a quem pratica. *In: A MILENAR dança do ventre*. 2000.
- NETO FLEURY, Marcia Matias. Dança de rua: jovens entre projetos de lazer e trabalho. *Última Década*, Santiago, v. 15, n. 27, p. 27-48, dez. 2007.
- PETO, Ana Carla; BUENO, Sonia Maria Vilela. **A visão que os enfermeiros licenciados têm sobre a música e dança como recurso educativo no curso de licenciatura em enfermagem.** Monografia (Conclusão de Curso) – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto, 1999.
- RECKZIEGEL, Ana Célia de Carvalho; STIGGER, Marco Paulo. Dança de rua: opção pela dignidade e compromisso social. *Movimento*, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 59-73, maio/ago. 2005.
- RODRIGUES, Luciane Rocha. **Caracterização do desenvolvimento físico, motor e psicosocial de pré-escolares de Florianópolis.** 2000. Dissertação (Mestrado) – UDESC-CEFID, Florianópolis, 2000.
- SAYÃO, Deborah Thomé. A construção de identidades e papéis de gênero na infância: articulando temas para pensar o trabalho pedagógico da Educação Física na educação infantil. *Pensar a Prática*, Goiás, v. 5, jun./jul. 2002.
- SIMAS, Joseani Paulini Neves; GUIMARÃES, Adriana Coutinho de Azevedo. Ballet clássico e transtornos alimentares. *Revista da Educação Física/UEM*, Maringá, v. 13, n. 2, p. 119-126, set. 2002.
- SMITH, Christine A. Women, weight, and body image. *In: CHRISLER, J. C., GOLDEN, C.; ROZEE, P. D. (Ed.) Lectures on the psychology of women.* New York: McGraw-Hill, 2004.
- STEWART, Arthur *et al.* Body image perception, satisfaction and somatotype in male and female athletes and non-athletes: results using a novel morphing technique. *Journal of Sports Sciences*, London, v. 21, p. 815-823, abr. 2003.
- STINSON, Susan. Reflexões sobre a dança e os meninos. *Pro-Posições*, Campinas, v. 9, n. 2, p. 55-61, jun. 1998.
- STRONG, Scott M.; SINGH, Devendra; RANDALL, Patrick K. Childhood gender nonconformity and body dissatisfaction in gay and heterosexual men. *Sex Roles*, Pittsburgh, v. 43, n. 7-8, p. 427-439, oct. 2000.

Movimento, Porto Alegre, v. 16, n. 01, p. 97-112, janeiro/março de 2010.

THOMAS, Jerry R.; NELSON, Jack. K. **Métodos de pesquisa em atividade física.** Tradução de Ricardo D.S. Petersen. 3. ed. Porto Alegre: Artmed; 2002.

TIGGEMANN, Marika; WILLIAMSON, Samantha. The effect of exercise on body satisfaction and self-esteem as a function of gender and age. **Sex Roles**, Pittsburgh, v. 43, n. 1-2, p. 119-127, jul. 2000.

VOTRE, Sebastião Josué; VIGNE, Joana Angélica; LACERDA, Yara. Mulheres da Rocinha: relações entre corpo, identidade e trabalho. **Movimento**, Porto Alegre, v. 14, n. 3, p. 53-70, set./dez. 2008.

Recebido em: 26.08.2009
Aprovado em: 04.12.2009

Movimento, Porto Alegre, v. 16, n. 01, p. 97-112, janeiro/março de 2010.